

Mídia e memórias: delineamentos para investigar *palimpsestos* midiaticizados de memória étnica na recepção

Jiani Adriana Bonin¹

Atentando para um cenário de *mediatização* e de emergência de uma *cultura da memória*, marcada pela ação da *Indústria Cultural*, onde as mídias se instituem também como *dispositivos de memória*, buscamos aqui desenhar os contornos de um problema-objeto de investigação na tentativa de pensar as transformações que se operam na conformação coletiva/individual da memória étnica neste contexto. Especificamente, tratamos de delinear interrogações e objetivos que se afiguram em nosso horizonte de investigação, assim como esboçar algumas problematizações teóricas que vemos como potencialmente produtivas para ancorar compreensivamente estas questões.

Palavras-chave: *mediatização, memória étnica, recepção.*

Media and memories: outlines for the investigation of mediatized ethnic memory palimpsests in reception. Considering the environment of *mediatization* and the emergence of a *culture of memory*, strongly influenced by the activity of the *Cultural Industry*, where the media are instituted as *memory devices*, this article outlines a problem-object of investigation in an attempt to examine the transformations that occur in the collective/individual formation of ethnic memory in this context. More specifically, it delineates the questions and objectives that constitute our field of investigation and presents some theoretical considerations that have the potential to provide a comprehensive basis for these issues.

Key words: *mediatization, ethnic memory, reception*

Reflexionando sobre un escenario de *mediatización* y de emergencia de una *cultura de la memoria*, marcada por la acción de la *Industria Cultural*, donde los medios de comunicación se establecen también como *dispositivos de memoria*, buscamos aquí diseñar los contornos de un problema-objeto de investigación intentando pensar las transformaciones que se operan en la conformación colectiva/individual de la memoria étnica en este contexto. Especificamente, tratamos de delinear interrogaciones y objetivos que se presentan en nuestro horizonte de investigación, así como esbozar algunas problematizaciones teóricas con el potencial de fundamentar la comprensión de tales interrogantes.

Palabras clave: mediatización, memoria étnica, recepción.

¹ Professora doutora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: jianiab@unisinos.br.

Introdução: alguns contornos de um problema-objeto

Neste texto trazemos para a reflexão uma problemática que nos instiga e nos ocupa atualmente, em torno da qual estamos laborando na construção de um problema-objeto de investigação. Devido à natureza desta construção *em processo*, o que aqui propomos é desenhar certos contornos que esta problemática vem assumindo, mais especificamente em termos de indagações que se desenham em nosso horizonte de investigação, assim como um esboço de problematizações teóricas que podem nos ajudar nesta construção.

O projeto de investigação que estamos construindo tem como horizonte mais amplo de preocupação a problemática do sentido do tempo na sociedade atual, pensada em relação ao processo de midiaticização, com angulação específica na questão da memória no âmbito deste processo. Certos autores vêm chamando a atenção para o fenômeno da emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades atuais, de uma *cultura da memória* que se globaliza, fortemente marcada pela atuação da Indústria Cultural.² No contexto da midiaticização da sociedade, processo que se instaura com a expansão sistêmica das mídias no âmbito do social, operando transformações nos ordenamentos das mais diversas dimensões sociais, as mídias passam a ter um papel importante também na construção de *enquadramentos de memória*.³ Instituem-se,

como aponta Montesperelli (2004), como *próteses de memória*, o que nos coloca o desafio de pensar concretamente, via investigação, sua ação configuradora em termos de conformação das memórias sociais.

Um âmbito que vemos como importante para pensar tal problemática é o relativo à memória étnica. Neste sentido, constatamos um investimento histórico e atual de mídias e gêneros em torno desta modalidade de memória, seja a relacionada a descendentes de imigrantes que vieram no período da colonização⁴, seja a de outros grupos de imigração contemporânea,⁵ o que nos permite pensar numa configuração específica destas memórias quando submetidas ao trabalho de enquadramento das mídias. Neste processo, as mídias não “transportam” simplesmente a memória étnica, elas a fabricam e a condicionam na sua própria estrutura e forma, instituindo-se, para usar os termos de Mata (1999), como marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de memórias e de seu sentido.

No âmbito deste processo, interessa-nos investigar questões específicas, relacionadas à particular configuração e modelagem das memórias de grupos étnicos de imigração histórica (italianos) e contemporânea (argentinos)⁶ pelas mídias – grupos cuja memória vem tendo presença marcante em mídias, sendo objeto de enquadramentos diversos, de acordo com observações que viemos empreendendo até o momento; aos palimpsestos – trama de textos midiáticos e não midiáticos que se cruzam e se inscrevem na memória étnica dos sujeitos⁷ – de memórias midiaticizadas que se instituem, e ao

² Entre eles Huyssen (2000; 2005), Candau (2002), Montesperelli (2004) e Berger (2005).

³ Pollak (1989), historiador, trabalha com a noção de enquadramento de memória para pensar a construção de memórias sociais por agentes diversos, como profissionais de história das diferentes organizações sociais que trabalham com resgate de memória, atentando para as dimensões do trabalho de fabricação (que inclui, por exemplo, a escolha das testemunhas autorizadas a falar) e de controle sobre a memória que aí se dão. Berger, em projeto de pesquisa que vem desenvolvendo na UNISINOS intitulado *A memória no tempo do jornalismo*, propõe pensar, no trabalho de memória, a ação dos atualizadores do passado realizada pelos jornalistas, nesta função de enquadramento da memória.

⁴ No caso destes grupos, para dar exemplos, em nossa pesquisa anterior pudemos constatar um investimento na cobertura noticiosa da RBS TV, em temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, em vários programas produzidos pela emissora. Também em observações exploratórias constatamos este investimento em outras emissoras regionais, como a TVE e o SBT, assim como a TV-COM da RBS. Na investigação conduzida por Cogo (2006) sobre imigração e mídia impressa, também foi verificada a presença de temas relativos à memória da imigração alemã e italiana, particularmente em mídias regionais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Em emissoras nacionais, tivemos as telenovelas *Terra Nostra* e *Esperança* (Rede Globo), cujas tramas tematizaram a memória da imigração italiana; no cinema, por exemplo, o filme *O Quatrilho*.

⁵ A pesquisa de Cogo sobre a midiaticização da migração contemporânea em jornais regionais e de âmbito nacional permite ver investimentos das mídias investigadas em temas relativos a memórias de grupos étnicos de imigração contemporânea (Cogo, 2006).

⁶ Selecionamos o grupo étnico italiano por sua forte presença na mídia e por termos percebido, no âmbito da pesquisa que estamos finalizando, a presença de matrizes midiáticas de memória entre os pesquisados deste grupo; no caso do grupo de imigração contemporânea, até o momento, nossas observações exploratórias vêm nos levando a perceber uma presença significativa de elementos relativos ao grupo argentino em mídias regionais.

⁷ A noção de *palimpsesto* é utilizada por Martín Barbero (1997), em *Dos meios às mediações*, para pensar a trama dos textos e das matrizes culturais presentes nos gêneros, e por Martín Barbero e Germán Rey (2001), em *Os exercícios do ver* para pensar em textos nos quais “um passado apagado emerge tenazmente, embora imprecisamente, nas entrelinhas escritas pelo presente” (p. 63). Aproprio-me aqui desta noção para fazer referência à trama de textos, provenientes da mídia e de outros lugares, que se cruzam e se inscrevem na memória étnica dos sujeitos.

esquecimento, constitutivo deste processo. Isto implica considerar as imbricações entre mídia e outros âmbitos de mediação da memória: formas como as mídias se instituem enquanto matriz de memórias e de seu sentido e como se relacionam com outros âmbitos de constituição da memória destes sujeitos;⁸ as relações que se estabelecem entre a mídia e outros agentes, e lutas simbólicas que se expressam no ordenamento da memória e do esquecimento na recepção. Neste sentido, são interrogações que se desenham no horizonte da nossa investigação: que papel as mídias estão tendo na conformação da memória étnica na recepção? Como participam da urdidura de *palimpsestos* particulares de memória étnica? Que matrizes midiáticas se expressam nas narrativas de memória dos sujeitos? Como a mídia se articula com mediações provenientes de outros âmbitos da experiência destes sujeitos (pensados sincrônica e diacronicamente) e que lutas simbólicas marcam a conformação de suas memórias? Que memórias são construídas/ativadas/atualizadas nestes processos e que esquecimentos se instituem? Que sentidos adquire esta memória no presente destes sujeitos?

Em torno das questões colocadas no horizonte de pesquisa, projetamos investigar os *palimpsestos* de memória étnica de descendentes de imigrantes italianos e argentinos, buscando compreender como as mídias se instituem como lugares de configuração destas memórias e como se articulam com outros agentes neste processo. Como desdobramento deste objetivo geral, desenhamos como objetivos específicos: realizar uma contextualização da história dos grupos étnicos investigados, buscando pensar as matrizes que medeiam a memória destes grupos e as dimensões desta história que são silenciadas e esquecidas; recolher evocações da memória étnica dos sujeitos investigados; identificar e estudar os *palimpsestos* midiáticos que se instituem como “lugares” de memórias étnicas nos sujeitos investigados e perceber os modos como as mídias se inscrevem e se articulam com outros agentes na constituição desta memória; investigar as

dimensões da experiência e das relações étnicas dos sujeitos – pensadas sincrônica e diacronicamente – que participam da conformação dos *palimpsestos* de memória e perceber como se articulam com a mídia. Atentando para a necessidade de pensar a dimensão social da pesquisa, queremos também empreender diálogos e disponibilizar os resultados a ONGs, grupos e projetos envolvidos com a questão da memória étnica para subsidiar reflexões, ações e empreendimentos destes grupos relativos à memória.

Julgamos que uma investigação desta natureza é relevante porque pode contribuir para a ampliação de conhecimentos (teóricos, metodológicos, empíricos) relativos aos *processos midiáticos* na particularidade das relações entre *mídias e processos socioculturais*⁹, especificamente no que se refere a uma interrogação fundamental atualmente, a ação da mídia sobre os processos de constituição da memória social/individual e sua relação/articulação com outros âmbitos mediadores da memória.¹⁰ A reflexão sobre a problemática da ação da mídia em relação à memória (coletiva/individual) vem encontrando lugar no campo da comunicação no Brasil, mas ainda carece de investimentos em pesquisa empírica, particularmente no âmbito da recepção¹¹.

O desenho de interrogações anteriormente explicitadas levou-nos a delinear alguns contornos de problematizações teóricas em torno das relações entre mídia e memória, que buscamos agora explicitar.

Pensando a memória étnica em seu lastro coletivo

Pensar a configuração da memória étnica nos coloca o desafio de refletir sobre a problemática da memória em

⁸ Estes âmbitos podem incluir tramas de memórias orais ordenadas no âmbito de espaços familiares e grupais de vivência, de investimentos de instituições/projetos políticos, etc.

⁹ *Processos midiáticos e Mídias e processos socioculturais* são, respectivamente, a área de concentração e a linha de pesquisa nas quais trabalhamos no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS.

¹⁰ Tal problemática é ainda pouco enfrentada no âmbito da investigação relativa aos processos midiáticos no contexto do programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Aqui, localizamos apenas a pesquisa de Strohschoen (2003), relativa à sua Tese de Doutorado intitulada *Mídia e memórias coletivas*, que estuda a relação entre mídia e memória tendo como objeto empírico a recepção da telenovela *Terra Nostra* por descendentes de italianos, e a pesquisa de Berger (em processo), que investiga a memória no tempo do jornalismo, focalizada no âmbito dos produtos jornalísticos relativos à memória da ditadura brasileira.

¹¹ Por exemplo, no âmbito da INTERCOM, o *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* teve como tema central *Comunicação, acontecimento e memória*. No banco de textos discutidos nos Núcleos de Pesquisa deste congresso, localizamos 11 trabalhos que versam sobre a midiática da memória, alguns dedicados a reflexões teóricas sobre esta problemática; a maioria deles focaliza a construção da memória pelas mídias, relacionada a temáticas específicas. Textos deste congresso foram publicados no livro *Comunicação, acontecimento e memória*, organizado por Aníbal Bragança e por Sônia Virgínia Moreira, publicado em 2005.

sua conformação/vinculação coletiva. Evocadas por sujeitos individuais, tais memórias carregam *marcos coletivos de constituição*, relacionados à pertença a um grupo étnico, à ação da mídia e/ou de outros agentes sociais.

Maurice Halbwachs trabalhou o conceito de *memória coletiva* para pensar, desde uma perspectiva sociológica, a dimensão propriamente social da memória. Para ele, a memória individual se assenta e se organiza com base em quadros sociais; carrega consigo a dimensão social dada pela linguagem, pela inserção do indivíduo num contexto social e em relações de pertencimento; ampara-se e constitui-se nas relações que o indivíduo mantém com os demais membros de seus grupos de pertença. Argumenta o autor que a recordação/reconstrução de um acontecimento passado se faz a partir de dados e noções comuns que se encontram no indivíduo e nos demais, e isso só é possível se os membros fazem parte, e continuam fazendo, de uma mesma configuração social. Recordar significa voltar a evocar, mediante a interação social, a linguagem, as representações, as classificações coletivas, ou seja, reatualizar a memória do grupo social de pertencimento. A memória coletiva, nesta perspectiva, é pensada como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado a partir do ponto de vista de um grupo social determinado (Halbwachs, 2004).

O pensamento do autor privilegia, portanto, a dimensão coletiva de conformação da memória, o que não significa que não reconheça a interação entre as dimensões coletiva e individual da memória. Neste sentido, o autor propõe que, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um grupo de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, que se apóiam umas sobre as outras, não são necessariamente as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Assim, cada memória individual é pensada como um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e conforme as relações que mantém com outros âmbitos sociais.

Tomando em conta a perspectiva do autor, a idéia de uma memória de grupo unificada (tanto quanto a de sociedade) é problemática¹². Se tal memória existe, só pode ser fruto de cruzamentos e integrações de distintas memórias (e produto da instauração de diferentes formas de esquecimento), como argumenta Montesperelli (2004).

O conceito de memória coletiva conserva sua fecundidade para pensar formas de consciência do passado de alguma maneira compartilhadas por grupos sociais, em nosso caso, de grupos étnicos. É possível admitir que tais grupos produzem certas “percepções fundamentais”, que existem configurações de memória características, *marcos sociais de memória*, como propõe Candau (2002). Mas, como bem observa este autor, no interior destas configurações, cada indivíduo impõe seu próprio estilo, estreitamente dependente, por uma parte, de sua história – pensemos no caso dos sujeitos de imigração contemporânea, cujas histórias conservam particularidades advindas da experiência migratória – e, por outra, da organização de seu cérebro, que sempre é única. A memória coletiva pode também compartilhar mais de esquecimentos do que propriamente de lembranças.

Pierre Nora traz uma noção que consideramos produtiva para pensar a problemática da memória étnica em termos das articulações entre memória individual e memória coletiva e as contradições e conflitos que a atravessam: a noção de *lugares de memória*, que remete a uma unidade significativa, de ordem material ou simbólica, que a vontade de homens (grupos) e o trabalho do tempo converteram num elemento simbólico de uma determinada comunidade/grupo. A idéia de fabricação, de produção do lugar subjaz a esta definição e permite pensar que os lugares de memória são móveis, passíveis de reinterpretações diversas e, inclusive, de tornar-se lugares de esquecimento. Lugares de memória referem-se a lugares que *pertencem à memória*, que são *produto dela*, e não a lugares em que a memória se encarna (Nora, 1984, *in* Candau, 2002).

Os lugares de memória são pensados como produto da articulação de estratos de memória distintos, como a condensação de memórias plurais, mais ou menos antigas, com frequência conflituosas e que interatuam entre si. Os lugares de memória – que nos interessa investigar nesse projeto – seriam a obra de memórias múltiplas, às vezes convergentes, às vezes divergentes e inclusive antagônicas. Eles são aqui pensados como lugares perpassados por múltiplas referências de memória, provenientes do contexto sociocultural em que vivem os sujeitos/grupos e da ação das mídias, que aí se inscrevem com suas matrizes, modelos, pactos, significações. Candau (2002) alimenta nossas proposições ao propor pensar também os *lugares de amnésia*, aqueles que, dado o passado dos grupos, poderiam ter se convertido em lugares de memória, mas onde a memória não se encarnou e em relação aos quais nos interessa pensar também o papel da mídia.

¹² Na perspectiva de Halbwachs, faz sentido fazer referência a grupos e não a toda a sociedade quando se fala de memórias coletivas: grupos identitários, culturas, instituições comporiam uma pluralidade de memórias coletivas dentro de um mesmo sistema social (Halbwachs, 2004).

Seguindo vários autores, é fundamental pensar nos modos como as estruturas de poder e as lutas em torno da hegemonia pela definição da memória e do esquecimento impactam e modelam os marcos da memória étnica. A questão do poder sobre a memória suscita também a discussão sobre a manipulação da memória e a imposição da amnésia. Neste sentido, os marcos sociais de memória são o resultado, nunca adquirido definitivamente, de conflitos e compromissos entre vontades de distintas memórias. Diferentes grupos e agentes competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes sobre a memória dentro da sociedade em seu conjunto.¹³ Estas vontades/grupos/agentes distintos se enfrentam na esfera pública, onde lutam pela hegemonia sobre os discursos de memória.

Os aparatos e modalidades de transmissão da memória desempenham papel relevante também nas lutas em torno da sua supremacia. E aqui desempenham papel importante as mídias, como arenas centrais de publicização e de visibilização (ou de esquecimento) da memória dos grupos. Torna-se relevante pensar também como no caso da memória italiana, por exemplo, repercutem as ações históricas do Estado para elaborar uma identidade nacional, como a campanha da nacionalização no Brasil – que determinou o fechamento das escolas e das sociedades de caráter étnico, a proibição da língua; como iniciativas integracionistas de imigrantes podem repercutir em termos de amnésias e de reconfigurações da memória étnica. Enfim, interessa pensar como tais lutas em torno de definições da memória étnica marcam os *palimpsestos* de memória na recepção. Podemos pensar também em conflitos internos aos grupos étnicos em torno da leitura “legítima” do seu passado, que podem carregar consigo projetos e políticas de identidade e de memória.

Transformações históricas na configuração das memórias sociais

Até aqui viemos rastreando algumas proposições para pensar a dimensão coletiva da memória, apoiando-nos em autores que, do ponto de vista de uma sociologia e

antropologia da memória, têm algo a dizer sobre nossa problemática. Entretanto, interessa-nos pensar a conformação de memórias étnicas sob a ação das mídias e, em relação a este enfoque, tais proposições necessitam ser tensionadas e reconstruídas para pensar como elas podem estar reconfigurando os marcos ou lugares de memória étnica.

Para fazer esta passagem, parece-nos importante recuperar alguns elementos relacionados às transformações sofridas nos processos de construção da memória social num longo processo histórico, sob a ação de vários fatores. Montesperelli (2004) lembra que a memória não é apenas um acervo de conhecimentos interior a cada indivíduo; ela se exterioriza, torna-se coletiva, intersubjetiva, compartilhada. Num longo processo histórico, a sociedade foi criando o que ele denomina de *próteses externas de memória*: técnicas de memorização, testemunhos, arquivos, textos, imagens – e aqui cabe pensar as mídias como elementos que compõem tal trama. Estas próteses, segundo o autor, *solicitam e/ou potencializam as capacidades mnemônicas dos indivíduos*, portanto agem sobre a memória, remodelam seu modo de se configurar, seus modos de compartilhamento social, sua qualidade.

A *linguagem* permitiu essa exteriorização da memória humana e, por esta razão, ela é considerada sua primeira ampliação. As pinturas pré-históricas e mais tarde proto-históricas talvez sejam, segundo Candau (2002), as primeiras expressões de uma preocupação propriamente humana de deixar marcas, firmar, “memorizar”.

Seguindo a trilha de pensar diacronicamente certos modos de ordenamento social da memória, Montesperelli (2004) refaz o percurso que leva às culturas orais, lembrando que estas não dispõem de textos que custodiam a memória coletiva, apenas de habilidades mnemônicas, particularmente dos anciãos, que se afinam com o exercício da memória e adquirem prestígio nestas sociedades. Na Grécia antiga, a cultura oral seguiu tendo proeminência durante muito tempo, e aí também se observa a presença de indivíduos encarregados de rememorar, por exemplo, os assuntos públicos. Para fins desta problematização, resulta produtivo atentar para o fato de que a prevalência de uma cultura oral leva à conformação de *modalidades particulares de organização da memória, ancoradas nas narrativas orais, de narrativas facilitadoras da rememoração*, como é o caso da tradição poética, que na Grécia antiga tinha um papel importante na socialização. Para atender à dificuldade de

¹³ Essa perspectiva perpassa o trabalho de autores como Huyssen (2002), Pollak (1989) e Candau (2002), guardadas as especificidades das problematizações e do pensamento de cada um deles.

recordar a trama e os versos, a poesia épica recorreu com frequência, e de modo muito mais contundente que em épocas anteriores, à “esquematisação caracterial”, visto que os traços fortes se inscrevem de maneira mais firme na memória, sob a base de que um perfil simples e claro, ao invés de outro impreciso e complexo, torna-se mais fácil recordar. As figuras heróicas tendem à tipificação, assim como se inserem na narrativa as figuras extravagantes. E ainda, certos vínculos formais da poesia desempenham a mesma função de facilitar a rememoração. Em relação à prosa, temos, por exemplo, no mundo clássico, a forma nobre da oratória, que se apoiava em mnemotecnias, componente essencial da memória¹⁴. As culturas que privilegiavam a memória oral favoreceram o desenvolvimento de capacidades de memória muito significativas, como atestam, por exemplo, o trabalho de Bateson com os *Iatmul* de Nova Guiné e o de Levy Strauss com os *Hanunoo* e os *Negrilo* das Filipinas e também com os *Dogon* de Mali¹⁵. Estes expressam a memorização de um saber considerável, sustentado por ritos e mitos.

A objetificação dos conteúdos a recordar encontra um suporte eficaz no desenvolvimento e na difusão da *escrita*, que inaugura um largo processo, em que a memória é fixada em suportes materiais. Segundo Montesperelli (2004), a difusão da escrita corresponde a *mudanças nas práticas discursiva e cognitiva, que se tornam mais analíticas*. A escrita inaugura *novos modos de narrar*, que precisam operar sem o recurso aos gestos, às expressões, às entonações. Com o recurso da escrita, as modalidades de narrativa podem se libertar, de certo modo, da necessidade de atender às exigências da recordação baseada no oral. As técnicas mnemônicas tradicionais perdem lugar; opera-se uma transição para novas modalidades de memorização. Entretanto, este processo de passagem a modalidades escritas de conservação da memória e de aprendizagem encontrou resistências em certas comunidades e grupos sociais, entre outros fatores, por temor de diminuição ou involução da capacidade mnemônica humana.¹⁶

Muito depois, no final do século XV, um impulso adicional se opera com a *invenção da imprensa*. Sucessivamente, num largo transcurso histórico, outras técnicas vão se somar à imprensa para permitir um acesso mais amplo e diferenciado à conservação da memória – pense-se na conservação dos sons (desde o fonógrafo em diante), das imagens (fotografia) e de formas audiovisuais (cinema, TV etc.). Estas invenções não significam somente modificações na quantidade de informações e nas formas de acesso a elas: *produzem novas modalidades narrativas, enquadramentos distintos da memória de acordo com lógicas de operações das mídias, com seus gêneros e formatos; causam modificações sobretudo quando se volta a evocar e sobre como se evoca a memória. Em resumo, mudam não apenas a quantidade de memória acessível, mas também a sua qualidade*.

Este brevíssimo percurso histórico pelos modos de conformação da memória nos instiga à reflexão sobre como as chamadas “próteses” da memória, ao se instituírem no âmbito social, passam a operar transformações na memória social em diversos âmbitos: instituindo novas conformações da memória, transformando as modalidades narrativas de memória e os modos de rememorar, etc. Estas transformações se potenciam com a expansão das mídias e sua integração sistêmica, no bojo do processo de midiaticização. Para melhor problematizar estas questões, que nos interessa focalizar nesta pesquisa, necessitamos precisar um pouco a noção de midiaticização e, a partir daí, estabelecer um lugar para pensar as transformações da memória étnica dentro deste processo.

Midiaticização e memória étnica

Os conceitos de *midiaticização* e de *cultura midiática* vêm se impondo no âmbito da reflexão comunicacional para

¹⁴ As *mnemotecnias* constituem um componente essencial da retórica no mundo clássico e são empregadas para auxiliar a memorização de discursos dos oradores. Um expediente muito utilizado é fixar as recordações através de lugares e imagens. A ordem da memória se funda em técnicas de espacialização da recordação, criando lugares mnemônicos onde se depositam as memórias. Para uma discussão mais pormenorizada destas *mnemotecnias*, ver Montesperelli (2004).

¹⁵ Bateson observou que os *Iatmul* de Nova Guiné tinham a capacidade de memorizar entre 10 e 20 mil nomes em suas discussões sobre o nome dos totens; Levy Strauss assinalou as complexas classificações da fauna e da flora entre os povos mencionados (Candau, 2002).

¹⁶ Os druidas proibiram o uso da escrita, seja para impedir a disseminação de sua doutrina, seja porque pensavam que seus alunos deixariam de valorizar sua memória, “pues casi siempre se pasa que la ayuda de los textos trae aparejada como consecuencia menos celo para aprender de memoria y una disminución de la memoria” (César, La guerra de las Galias, VI, 14, *cit. ap.* Candau, 2002). Algumas escolas escolásticas, como na Irlanda, no século VII, proibiam qualquer auxílio da escrita e baseavam o ensino somente na faculdade humana da memória (Candau, 2002).

fazer frente ao desafio epistemológico-teórico de se pensar as profundas alterações que se instituem nos mais diversos âmbitos de conformação social com a formação, consolidação e expansão histórica do campo das mídias¹⁷. Tais conceitos não aludem apenas a um estágio mais avançado no intercâmbio dos produtos culturais, fruto do incremento de tecnologias e instituições destinadas à produção de mensagens e do uso destas tecnologias e meios. O que se busca tornar inteligível é *o caráter estruturador das práticas sociais e conformador de desenhos das interações sociais que os meios adquirem; as alterações substantivas em termos do redesenho dos modos como a sociedade se estrutura, produz significados, se comunica, se reproduz e se transforma – e neste contexto, o que nos interessa, a memória (especificamente étnica) – no decorrer do processo de expansão e inscrição das mídias nos diversos âmbitos do social*. São mudanças que, no dizer de Mata, estão nos exigindo recuperar a materialidade dos processos significantes, repor a centralidade dos meios na análise cultural, mas já não enquanto transportadores de algum sentido acrescentado (às mensagens), mas enquanto “marca, modelo, matriz, racionalidade productora y organizadora de sentido” (Mata, 1999, p. 84).

A noção de mediação das sociedades e de cultura midiática busca, portanto, pensar as alterações substantivas que as tecnologias e os meios de comunicação produziram em termos das práticas sociais e de sua representação, atentando também para o fato de que nestas transformações, as próprias práticas dos meios massivos se transformam, quando passam a intervir e modelar o social. Em relação a este processo, interessa-nos pensar *que transformações estaria o processo de mediação instaurando no sentido do tempo e na memória étnica*.

Para enfrentar tal problemática, uma questão fundamental a atentar diz respeito a uma das características da modernidade que se exacerba na contemporaneidade, relativa ao fenômeno do desencaixe espaço-temporal propiciado pelas tecnologias e pela mídia. Tal fenômeno instaura a condição para a articulação de relações sociais não mediadas pelos lugares, assim como para a aceleração temporal. Um novo regime espaço-temporal se organiza, marcado pela coexistência, pela co-habitação e pela imediatez (Mata, 1999).

Martín Barbero (2001b, 2002) e Andreas Huyssen (2000), refletindo sobre as transformações atuais da memória, argumentam que para entendê-las é necessário pensá-las em relação ao fenômeno da transformação da estrutura da temporalidade social e da experiência do tempo, provocada pela complexa intersecção entre mudança tecnológica, mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global, assim como em relação ao fenômeno da obsolescência planificada dos objetos cotidianos pelo mercado – da qual faz parte a acelerada sincronidade produzida pelos meios.

Vivemos numa sociedade cujos objetos cotidianos que durante séculos haviam sido feitos para durar, tornam-se rapidamente obsoletos – condição de funcionamento do sistema – o que se projeta também sobre as idéias, os costumes, os estilos, os gostos, a memória. Frente à memória que em outros tempos os objetos acumulavam e através da qual conversavam as gerações, hoje a maioria dos objetos são descartáveis.¹⁸

Essa mesma amnésia é reforçada pelos meios de comunicação. As mídias, neste processo, como lugares de fabricação do presente, estariam contribuindo para debilitar o passado, a consciência histórica. A aceleração tecnocultural estaria levando à perda da noção do tempo e à instalação num presente contínuo, em “una sequencia de acontecimientos que no alcanza a cristalizar en duración, y sin la cual ninguna experiencia logra crear, mas allá de la retórica del momento, un horizonte de futuro” (Lechner, 1995, in Martín Barbero, 2004, p. 32). Um sentido de continuidade histórica ou, no caso, de descontinuidade, ambos dependentes de um antes e de um depois, cederia lugar à simultaneidade de todos os tempos e espaços, prontamente acessíveis no cotidiano.

Problematizando o modo como as mídias se referem ao passado, Martín Barbero (2001a, 2001b) argumenta que elas muitas vezes o fazem descontextualizando-o, reduzindo-o a uma *citação*. O passado deixa, então, de ser parte da memória e se converte em ingrediente de pastiche – operação que permite mesclar fatos, sensibilidades, estilos e textos de qualquer época, sem articulação com os contextos

¹⁷ A mediação atenta para o lugar estratégico que tal campo passa a ter na configuração das sociedades contemporâneas, possibilitado pela sua capacidade de “atravessar todos os outros campos sociais, condicioná-los e adequá-los às formas expressivas e representativas da mídia” (Maldonado, 2002, p. 6). Nas sociedades modernas, as mídias se instituem como um campo social central, lugar de passagem, definição e publicização dos outros campos, ainda que com especificidades neste *atravessamento* do campo midiático (Esteves, 1998, in Maldonado, 2002).

¹⁸ Lembremos que o espaço joga um papel fundamental na ordenação da memória coletiva, como propõe Halbwachs (2004). A memória ancora-se nos espaços (ou lugares). Quando os grupos estão inseridos numa parte do espaço, eles o transformam à sua maneira, imprimem a sua marca a este espaço. Os objetos também são suportes de memória, inserem o passado no presente.

e movimentos de fundo de uma época. Deste modo, o passado não pode iluminar o presente nem relativizá-lo, já que não permite tomar distância do que se está vivendo. Assim, as mídias estariam contribuindo para nos instalar num presente sem fundo, sem piso e sem horizonte.

Em lugar de trabalhar os acontecimentos como algo que ocorre num tempo largo, os meios muitas vezes apresentam os eventos sem nenhuma relação entre eles, numa sucessão onde cada acontecimento acaba borrando o anterior, dissolvendo-o e impedindo o estabelecimento de verdadeiras relações entre eles. A maioria da memória que os meios constroem, argumenta Martín Barbero (2001a), é uma memória de consenso e não memória viva, conflituosa, o que acaba sendo uma forma de borrar o passado, de torná-lo difuso, indolor. Obviamente, como nos alerta o próprio autor, há muito que matizar nestas proposições, pensando nas especificidades de gêneros, de formatos, de modalidades midiáticas, o que se constitui num desafio para a pesquisa.

A obsolescência acelerada, as alterações da temporalidade e o debilitamento das ancoragens identitárias, das quais participam os meios como agentes importantes, parecem levar à vitória do presente e instauram o risco da amnésia. Entretanto, paradoxalmente, estariam gerando também um desejo de passado – fenômeno de *boom* ou febre de memória, referido por Martín Barbero (2001a, 2001b), de cultura da memória, no dizer de Huyssen (2002), do qual participam as mídias –, cujo sentido não se esgota na evasão, mas expressa a forte necessidade de tempos mais largos e a materialidade de nossos corpos reclamando menos espaço e mais lugar. A *febre* de memória estaria expressando a necessidade de ancoragem temporal que sentem as sociedades (e os grupos) cuja temporalidade é sacudida pela revolução tecnológica informacional, que dissolve as coordenadas espaço-temporais do mundo da vida, dimensões que também ancoram a memória, como propõe Halbwachs (2004). Nela se manifestaria a transformação profunda por que passa a estrutura de temporalidade que a modernidade nos legou, desestabilizando o lugar do passado como lastro e fazendo da *novidade* a fonte de legitimidade cultural.

O risco que este processo carrega é de desaparecimento do passado como continuidade da experiência, que não significa uniformização nem nostalgia, mas um mínimo de horizonte histórico que torna possíveis o diálogo entre gerações e a leitura/tradução entre tradições – tradição pensada na versão benjaminiana, como herança não acumulável, mas profundamente ambígua em seu valor e objeto de permanente disputa por sua apropriação, atravessada e sacudida pelas mudanças, os conflitos permanentes e as inércias de cada época. A memória que se encarrega da tradição, nesta perspectiva,

não é a que se relaciona a um tempo imóvel, mas a que faz presente um passado que nos desestabiliza (Martín Barbero, 2001a; 2001b).

Montesperelli (2004) também argumenta que as transformações que sofre a sociedade na contemporaneidade e a aceleração do curso histórico estariam levando a uma condição em que o passado seria incapaz de iluminar o presente, levando a uma progressiva presentificação da experiência. Outra ameaça apontada por Eco seria a excedência cultural, a superabundância de referências no contexto da sociedade midiaticizada; “no se olvida por cancelación, sino por superposición, sin producir ausencia, sino multiplicando las presencias. Una masa sobreabundante de informaciones determina que el lector o el telespectador ya no se encuentre en condiciones de recordar lo ocurrido” (Eco, 1990, p. 19, *in* Montesperelli, 2004, p. 60).

Numa discussão que se articula com esta, Martín Barbero (2002) nos fornece outras pistas para pensar a ação das mídias sobre as memórias ao refletir sobre a fragmentação dos relatos que se instaura via o que chama de ecossistema discursivo dos meios, com suas linguagens e escrituras específicas. A propósito disto, é importante lembrar que a narração é constitutiva da memória. Como nos lembra Benjamin (1986), a narrativa da memória, ou a reminiscência, funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. A narração, assim pensada, conserva a capacidade de articular as experiências, dar unidade e coerência ao passado. Ela tem uma temporalidade e gramática própria.

As mídias instauram novos modos de narrar, condicionados por seus dispositivos, gêneros e linguagens, potenciando a coexistência de códigos e relatos diversos, que incidem sobre a experiência de conformação dos relatos de memória. Se, por um lado, a conformação histórica dos gêneros, enquanto estratégias de comunicabilidade entre emissores e receptores, possibilitou a incorporação e reciclagem de elementos e memórias que remetem ao universo da recepção, por outro, sua subordinação aos formatos remete ao obscurecimento de uma tradição em que os relatos possibilitam a inserção do presente nas memórias do passado e nos projetos do futuro.

A experiência multifacetada da recepção hoje, configurada por múltiplos *palimpsestos* de memória midiaticizada, assim como as especificidades da gramática narrativa dos relatos midiáticos, instituem uma experiência de fragmentação/proliferação dos relatos, como se a narração explodisse em pedaços. A propósito do nascimento das *short stories*, Benjamin nos lembra que estas “não mais permitem a lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a

narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas” (Benjamin, 1994, p. 206).

Dialogando com Benjamin e com Martín Barbero, podemos pensar que as especificidades dos relatos de memória midiáticos, assim como suas modalidades específicas de narrar, podem estar operando transformações na produção de narrativas de memória étnica; as mídias podem estar colaborando para a fragmentação desta memória, dos relatos/narrativas sobre a mesma e para a produção de lugares de amnésia. É preciso, entretanto, nuançar tais considerações, pensando as especificidades em termos dos relatos de gênero – pensemos nas peculiaridades, por exemplo, do relato da telenovela, cuja duração temporal é larga, diferentemente do relato noticioso televisivo, cuja duração em geral é curta e cuja composição é fragmentada – considerando também particularidades em termos de mídia impressa e televisiva.

Na esteira destas proposições, pensamos que a memória étnica, que nos interessa particularmente entender, deve estar sofrendo transformações em sua natureza, qualidade e sentido, marcada pela transformação da estrutura espacial e temporal na sociedade contemporânea e em cujo processo as mídias desempenham um papel fundamental. As mídias podem estar colaborando para um apagamento do sentido do tempo e da memória e para a transformação das relações com o passado étnico e seu sentido. Pensamos, junto com Candau (2002) que, neste processo, a produção de *lugares de memória* pode estar se tornando mais difusa, dispersa e fragmentária; que as mídias podem estar atuando como agente importante de configuração dos *lugares de memória e de amnésia* – configuração marcada por suas matrizes, seus gêneros, suas modalidades narrativas e sua racionalidade de produção de sentido.

Entretanto, também propomos que os lugares de memória e de amnésia não podem ser pensados apenas como resultado da ação das mídias, visto que estas se articulam com as dinâmicas dos contextos em que os sujeitos vivem, onde operam *mediações* na constituição das memórias étnicas. É o que buscamos problematizar na seqüência.

Mediações na conformação da memória étnica

Ao pensar a midiática da memória étnica, torna-se fundamental atentar para a delicada questão – já

levantada por autores como Mata (1999) e Verón (1997) – de que nem todas as práticas sociais se midiaticizam de maneira homogênea. As alterações e transformações devem ser pensadas nas especificidades de cada âmbito do social, segundo os atores destas práticas e os desiguais universos materiais em que se desenvolvem, para não incorrerem no risco de esquecer a materialidade do social, das práticas e significações que se instauram no âmbito dos processos socioculturais. Decorre disso nossa percepção de que, ao pensar a memória étnica, necessitamos atentar para o fato de que, em sua configuração, ainda que marcada pela ação da mídia, se inscrevem marcos coletivos/individuais fabricados em *outros lugares*, que também constituem os *palimpsestos* de memória midiaticizada na recepção. É atentando para o jogo conflituoso entre estes *outros lugares* e a ação da mídia, pensamos, que se abrem possibilidades produtivas para entender a conformação destes *palimpsestos* de memória, das lutas, dos conflitos que os marcam e do sentido particular que adquirem.

Nesta perspectiva, pensamos a problemática da recepção desde a perspectiva das **mediações**, o que implica deslocar-nos da concepção de que os meios são os únicos lugares de produção de sentido para pensar as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais; para pensar o *contexto cultural, os processos sociais, a história, as matrizes culturais também como lugares de inteligibilidade do processo de recepção*. Esta perspectiva demanda tomar a sério a *cultura e as competências culturais como lugar de mediação dos processos de recepção, de instauração de usos, negociações, pactos, consensos, conflitos e apropriações na relação com os meios, cujas lógicas não se resumem à ação da mídia* (Martín Barbero, 1997).

A partir daí propomos que a memória étnica é também lugar onde se inscrevem marcas que vêm da experiência cultural e vivencial dos sujeitos, constituídas desde seu lugar social, dos contextos de seu mundo da vida e das redes de relações que aí se estabelecem, que precisam ser pensados diacronicamente, pois se a memória, como nos lembra Halbwachs (2004), reconstrói-se a partir do presente e dos sistemas/quadros simbólicos que definem o sujeito/os grupos no presente, ela lança uma ponte ao passado, às experiências e vivências históricas que marcaram o sujeito/os grupos, em que se inscrevem os marcos sociais da memória.

Quando propomos investigar a memória étnica, estamos focalizando uma modalidade específica de memória que teria, em sua natureza, lastro coletivo. Pois estamos nos referindo a uma memória que se constitui no sujeito, mas que se inscreve de alguma maneira no âmbito das conformações coletivas dos grupos étnicos e de suas experiências relacionais, desenhadas em contextos

específicos. Entretanto, não podemos hoje pensar numa memória étnica coerente, assentada sobre a constituição de grupos nitidamente demarcados – horizonte histórico dentro do qual se inscreve o pensamento de Halbwachs sobre a memória coletiva –, se atentamos para as profundas transformações na experiência dos sujeitos na contemporaneidade. A multiplicidade de sistemas de significados, de mundos simbólicos inter-relacionados e em competição tem conseqüências diretas sobre a memória étnica. As distinções não se expressariam somente em termos de grupos diversos, mas de indivíduo para indivíduo. “En esta condición de pluripertenencia, típica del actor de las sociedades modernas, la memoria de cada uno constituye un punto de intersección de varios flujos colectivos de memoria en los que el propio sujeto participa, una combinación individual plasmada por la biografía del individuo” (Montesperelli, 2004, p. 42). Nesta condição, a memória étnica se modifica na intersecção da memória do indivíduo com uma pluralidade de memórias coletivas – daí pensarmos a noção de *palimpsestos* de memória midiaticizada como lugar de cruzamento de vários fluxos de memória, entre eles o da mídia, atentando para estas intersecções e configurações.

Isto permite pensar na vigência de certos marcos coletivos de memória e mesmo de lugares de memória *residuais*, trazendo a noção cunhada por Williams (1979) para referir-se a elementos do passado vigentes, constitutivos do presente, e na presença de matrizes culturais de memória, seguindo a proposta de Martín Barbero (1997), a fim de atentar para a vigência de certos marcos ou lugares de memória de longa duração. Em pesquisa recém finalizada, na qual investigamos a recepção da cobertura noticiosa da RBS relativa alemães e italianos por telespectadores destes grupos, foi possível constatar a vigência deste tipo de *lugares de memória* matriciando a produção de sentidos para os produtos midiáticos, instaurando *modos táticos de fabricar sentidos*, na proposta cereteuniana de entendimento do consumo. Nesta linha, pensamos que, na recepção, certos referentes de memória se instituem como *restos* que podem funcionar como *operadores de apropriações e de reconstruções* nestes fluxos de memória étnica midiática.

A apropriação é aqui entendida na linha de Certeau (1996), que, com o conceito, oferece-nos uma via para captar potenciais produtivos, de criatividade e de transformação nas práticas de consumo, abrindo um espaço para divisar possibilidades de reapropriação dos produtos midiáticos. A

perspectiva cereteuniana pensa o sujeito inscrito em relações de poder, mas não passivo. Este sujeito também pode instaurar uma outra produção, fabricar num espaço que é do outro, aqui o outro midiático, fabricação que se faz notar na forma de empregar os produtos, na apropriação, nas artes de fazer, que adquirem um sentido *tático*. A partir desta perspectiva, podemos pensar que certos referentes de memória do sujeito podem possibilitar operações táticas que instituem a fabricação de outros sentidos para os *lugares* midiáticos de memória.

Seguindo a perspectiva de pensar as mediações que operam na constituição dos lugares midiáticos de memória, torna-se importante observar os referentes de memória constituídos a partir de outros lugares de experiência e de relações dos sujeitos. A partir daí podem revelar-se referentes de memória étnica conformados no âmbito das relações familiares – pensando a família de uma perspectiva extensa e multigeracional,¹⁹ atentando para especificidades relativas aos sujeitos étnicos de migrações contemporâneas ou históricas, visto que os primeiros vivenciam processos de ruptura e reconstituição em outras bases de relações familiares/grupais, outrora enraizadas nos lugares de origem. A geração constitui também uma dimensão importante a ser considerada. Neste sentido, Jedlowski atenta para a distância geracional que hoje atravessa os sentidos da memória; “todos tienen memoria, pero cada generación tiene la suya, con sus modos de seleccionar el pasado y de interpretarlo” (Jedlowski, *in* Montesperelli 2004, p. 42).

Cenários onde se constituíram/constituem as relações com o grupo étnico – seja os grupos cotidianos de convivência informais ou formalizados (associações, por exemplo) –, assim como iniciativas relativas a projetos turísticos também devem ser pensados como lugares potenciais de mediação da memória étnica. Em nível macro, certas ações e políticas históricas do Estado relativas aos grupos étnicos também desempenham papel importante como lugares de mediação.

Estes espaços/agentes distintos, mediadores da memória étnica, devem ser pensados em registro de intercâmbio e de conflito, de luta pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes de memória. Neste sentido, torna-se importante pensar como se inscrevem, nos *palimpsestos* de memórias dos sujeitos, marcas destas lutas em torno da legitimidade da memória étnica, nas quais a mídia também se inscreve.

¹⁹ A tese de Strohschoen (2003) fornece dados importantes a respeito da ação dos agentes familiares na constituição das memórias étnicas de sujeitos do grupo italiano.

Referências

- BERGER, C. 2005. Proliferação da memória: a questão do reavivamento do passado na imprensa. In: A. BRAGANÇA e S.V. MOREIRA (orgs.), *Comunicação, acontecimento e memória*, São Paulo, Intercom, p. 60-69.
- BENJAMIN, W. 1986. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: W. BENJAMIN, *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7ª ed., São Paulo, Brasiliense, p. 197-221.
- BRAGANÇA, A. e MOREIRA, S.V. (orgs.). 2005. *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo, Intercom, 166 p.
- CANDAU, J. 2002. *Antropología de la memoria*. Buenos Aires, Nueva Visión, 128 p.
- CERTEAU, M. 1996. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 351 p.
- COGO, D. 2006. *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*. Rio de Janeiro, E-papers; Brasília, CSEM, 223 p.
- HALBWACHS, M. 2004. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 196 p.
- HUYSEN, A. 2000. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 116 p.
- HUYSEN, A. 2005. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: A. BRAGANÇA e S.V. MOREIRA (orgs.), *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo, Intercom, p. 22-36.
- MALDONADO, E. 2002. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. *Ciberlegenda*, 9:1-15. Acessado em: 19/03/2006, disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/efendy2.htm>.
- MARTÍN BARBERO, J. 1997. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 356 p.
- MARTÍN BARBERO, J. 2001a. Medios: olvidos e desmemorias. Debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro. *Ciberlegenda*, 6:1-15. Acessado em: 19/08/2005, disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/barbero1.htm>.
- MARTÍN BARBERO, J. 2001b. El futuro que habita la memoria. *PCLA Revista Científica Digital*, 3:1-18. Acessado em: 10/08/2005, disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista7/artigo%207-1.htm>.
- MARTÍN BARBERO, J. e REY, G. 2001c. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo, SENAC, 182 p.
- MARTÍN BARBERO, J. 2002. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. *Diálogos de la Comunicación*, 64:8-23. Acessado em: 20/11/2005, disponível em: <http://www.felafacs.org/dialogos-64>.
- MATA, M.C. 1999. De la cultura masiva a la cultura mediática. *Diálogos de la Comunicación*, 56:80-91. Acessado em: 20/03/2005, disponível em: <http://www.felafacs.org/dialogos>.
- MONTEPERELLI, P. 2004. *Sociología de la memoria*. Buenos Aires, Nueva Visión, 192 p.
- POLLAK, M. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3):3-15. Acessado em 10/04/2006, disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>.
- STROHSCHOEN, A.M. 2003. *Mídia e memórias coletivas*. São Leopoldo, RS. Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 211 p.
- VERÓN, E. 1997. Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la Comunicación*, 48:9-17. Acessado em: 20/03/2003, disponível em: <http://www.felafacs.org/dialogos>.
- WILLIAMS, R. 1979. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 215 p.

Submetido em: 11/08/2006

Aceito em: 05/09/2006